

RESENHA

MESZÁROS, ISTVAN. FILOSOFIA, IDEOLOGIA E CIÊNCIA SOCIAL - ENSAIOS DE NEGAÇÃO E AFIRMAÇÃO. SÃO PAULO: ENSAIO, 1993

Solange de Aparecida Colares

Recebido para publicação em 25/09/07

Aceito para publicação em 26/10/07

O livro “Filosofia, Ideologia e Ciência Social - Ensaios de negação e afirmação” do professor de filosofia na Universidade de Sussex - Inglaterra, Istvan Meszaros, foi originalmente publicado em 1986, pouco antes da queda do muro de Berlim e do desmoronamento da União Soviética. Neste livro, o autor procura esclarecer o poder da ideologia e qual é o seu papel no processo de ajustamentos estruturais, que utiliza seus recursos na manutenção das condições de dominação pelas classes hegemônicas. O momento histórico que vivemos, de virada de século, revela a força da ideologia, que mantém e fortalece os interesses das classes dominantes, que atualmente toma forma via as idéias imperativas do neoliberalismo. Estas idéias são veiculadas principalmente pela mídia, que tem-se espalhado pelo mundo, junto ao processo de globalização econômica e financeira, na tentativa de criar uma consciência, como “verdade” única, de que tudo deve ser determinado pelas regras do mercado. O conceito central de “mercado” vem destruindo muitas referências solidificadas ao longo da história da humanidade. Dentro estas podemos destacar o conceito de “consciência de classe”, que embasa a formação dos sindicatos, como representação na luta dos interesses dos trabalhadores. Com a ideologia dominante, tem-se pregado incessantemente, o individualismo como um valor atual. Onde vence os mais preparados, mais fortes, ou dotados de melhor sorte na vida. Aos despreparados, mais fracos ou sem sorte, cabe a periferia, o desemprego, ou subemprego, engrossando as grandes massas de excluídos. A desestruturação do trabalho tem gerado crescentes volumes de desempregados e de

peças com subempregos, onde foram abolidos todos direitos sociais conquistados no passado. Vemos a consciência de classe sendo enfraquecida, com a consequente desmobilização pela defesa dos direitos conquistados. Neste cenário, o livro do professor Meszáros oferece a oportunidade de reflexão e compreensão dos fatos atuais, que a primeira vista parecem destituídos de segundas intenções.

O livro está estruturado em oito capítulos, com ensaios que tratam de diversos temas sobre filosofia, a análise literária e as ciências sociais. Meszáros mostra que o impacto prático da ideologia tem estado presente nas diversas sociedades, desde a antiguidade até o presente, e que a ideologia como forma específica de consciência social, é inseparável das sociedades de classe.

“Deve-se enfatizar que o poder da ideologia dominante é indubitavelmente enorme, não só pelo esmagador poder matéria e por um equivalente arsenal político-cultural à disposição das classes dominantes, mas, sim, porque esse poder ideológico só pode prevalecer graças à posição de supremacia da mistificação, através da qual os receptores potenciais podem ser induzidos a endossar, “consensualmente”, valores e diretrizes práticas que são, na realidade, totalmente adversas a seus interesses vitais. As ideologias críticas, que procuram negar a ordem estabelecida, não podem sequer mistificar seus adversários, pela simples razão de não terem nada a oferecer - nem mesmo subornos ou recompensas pela aceitação - àqueles já bem estabelecidos em suas posições de comando, conscientes de seus interesses imediatos palpáveis. Portanto, o poder

de mistificação sobre o adversário “e privilégio exclusivo da ideologia dominante.”

[...]

“as várias formas ideológicas de consciência social acarretam diversas implicações práticas de longo alcance na arte e na literatura, bem como na filosofia e na teoria social, independentemente de sua ancoragem sócio-política em posições progressistas ou conservadoras.” (pag. 10)

Para Meszáros, a posição ideológica que “questiona radicalmente a persistência histórica do próprio horizonte de classe, antevendo, como objetivo de sua intervenção prática consciente, a supressão de todas as formas de antagonismo de classes.” É a única que pode tentar superar as condições de uma sociedade dividida em classes. A visão marxiana de que na atual conjunção do desenvolvimento histórico, a questão de “transcendência” deve ser formulada em termos da necessidade de ir para além da sociedade de classes com tal, e não apenas para além de um determinado tipo de sociedade de classes em prol de um outro, não significa, absolutamente, que se possa escapar baseando-se unicamente nessa visão, da necessidade de se articular a consciência social.

O capítulo “Ideologia e ciência social” mostra as características estruturais fundamentais das várias formas de ideologia; das condições materiais e sociais e dos mecanismos que determinam a emergência e as transformações sutis das ideologias específicas; dos instrumentos complexos e das instituições requeridas para assegurar o impacto razoavelmente duradouro dos sistemas ideológicos; e do relacionamento intrincado entre ideologia e ciência social. Mostra a definição weberiana de capitalismo preenche suas funções ideológicas sob a aparência de uma formulação “não ideológica” e “descritiva”, e observa que Weber ao construir um instrumento neutro de análise, acaba por produzir uma arma ideológica que torna-o capaz de descartar-se do adversário ideológico. Meszaros afirma que os instrumentos e métodos de análise social nunca podem ser radicalmente neutros em relação ao seu objeto.

No capítulo “Consciência de classe necessária e consciência de classe contingente”, o assunto em questão é a relação entre a necessidade histórica e a consciência de classe. Mostra que há uma contradição entre Marx e Gramsci: o primeiro fala sobre o proletariado forçado a realizar sua tarefa histórica, enquanto o segundo afirma que há a necessidade do proletariado organizar-se com consciência de si mesmo. Nos termos da metodologia dialética de Marx, os fundamentos econômicos da sociedade capitalista constituam os “determinantes fundamentais” do ser social de suas classes, e são também, ao mesmo tempo, “determinantes determinados”. As afirmações de Marx sobre o significado ontológico da economia só fazem sentido se formos capazes de apreender sua idéia de “interações complexas”, nos mais variados campos da atividade humana. Meszáros mostra que “.. o conceito das “condições materiais de vida” ocupa, estrutural e geneticamente, uma posição essencial no sistema marxiano, - isto é, tanto em relação à gênese histórica das formas mais complexas de intercâmbio humano, como diante do fato de que as condições materiais constituam a pré-condição de vida humana estruturalmente necessária em todas as formas concebíveis de sociedade -, tal conceito não é, de forma alguma, capaz, por si só, de explicar as complexidades do próprio desenvolvimento social.” (pág. 78)

O capítulo “Marx filósofo” trata da relação entre Marx e Hegel, que é refletida na filosofia marxiana e na sua concepção da dialética. Marx insistia na reintegração da filosofia à vida real em termos de necessidade de filosofia como necessidade da sua realização a serviço da emancipação.

O capítulo “Kant, Hegel, Marx: a necessidade histórica e o ponto de vista da economia política” procura compreender que tipos de concepções históricas são tanto compatíveis quanto expressamente corroboradas pelo ponto de vista da economia política.

Os demais capítulos do livro, abordam outros temas relacionados à filosofia e literatura, com os seguintes títulos: “Marx e direitos humanos”, “Crítica à filosofia analítica”, “A metáfora e o símile” e “A alienação na literatura européia”.